

TEATRO

13, 14, 15 FEVEREIRO 2015

Eurovision + Israel + Tear Gas

Três espetáculos de Pedro Zegre Penim
para o Teatro Praga

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Sexta 13

Tear Gas (21h30)

Sábado 14

Eurovision (19h)

Israel (21h30)

Domingo 15

Eurovision (17h)

Israel (19h)

Tear Gas (21h30)

Na sexta-feira dia 13, após o espetáculo, haverá uma conversa com Pedro Zegre Penim na Sala 1.

O Teatro Praga é financiado pelo Governo de Portugal – Secretário de Estado da Cultura e Direção-Geral das Artes, e é estrutura associada de O Espaço do Tempo.

Sex 13, sáb 14, dom 15 de fevereiro · M12

I AM EUROPE

I'm a dog shit ashtray / I'm a shrugging moustache, wearing a Speedo tuxedo / I'm a movie with no plot, written in the backseat of a piss-powered taxi / I'm an imperial armpit, sweating Chianti / I'm a toilet with no seat, flushing tradition down / I'm socialist lingerie, I'm diplomatic techno / I'm gay pastry and racist cappuccino / I'm an army on holiday in a guillotine museum / I'm a painting made of hair on a nudist beach eating McDonald's / I'm a novel far too long / I'm a sentimental song / I'm a yellow tooth waltzing with wraparound shades on.

Who am I?

I am Europe.

Chilly Gonzales

Estes espetáculos não foram pensados à partida como trilogia. Só quando já estava a escrever o que viria a ser a terceira parte (*Tear Gas*, em estreia absoluta nestas apresentações na Culturgest, depois das versões iniciais apresentadas em Paris, no Festival 360° do Nouveau Théâtre de Montreuil e no programa Chantiers d'Europe do Théâtre de la Ville) é que os três espetáculos trocaram energia e momento.

Decidi chamar-lhe, de modo officioso, *I AM EUROPE*, título de uma canção de Chilly Gonzales que consegue aquilo que tento em cada um dos espetáculos que aqui apresento e que acompanham dez anos da minha vida artística e pessoal: forjar e expor uma identi-

dade a meio caminho entre a reflexão sobre minha herança cultural europeia judaico-cristã (da qual, mesmo que queira, nunca me consigo desligar) e a minha biografia, material sempre presente no teatro que faço e onde essa herança se reflete.

É também um processo recorrente em todos os espetáculos do Teatro Praga (e o que vou apresentar na Culturgest não são espetáculos “tipo Praga”, como as salsichas “tipo Frankfurt”), as tensões entre o universal e o doméstico ou entre o mistério e a razão (George Steiner chama-lhe “a tensão entre judeus e gregos”). Mas nesta trilogia talvez esse género de jogo dúplice – neste caso a Europa e Eu – se encontre reificado de forma mais visível por ser um trabalho eminentemente individual.

I AM EUROPE é um retrato a três velocidades de um mapa antropomórfico.

Pedro Zegre Penim

Um Conto de Duas Cidades – Atenas e Jerusalém

Ser europeu é tentar negociar, moralmente, intelectualmente e existencialmente, os ideais, afirmações, *praxis* rivais da cidade de Sócrates e da cidade de Isaías. (...)

Mas a herança de Atenas estende-se [ao] vocabulário das nossas teorias e dos nossos conflitos políticos e sociais, do nosso atletismo e da nossa arquitetura, dos nossos modelos estéticos e das nossas ciências naturais e permanece saturada de raízes gregas, em ambos os sentidos da palavra. “Física”, “genética”, “biologia”, “astronomia”, “geologia”,

“zoologia”, “antropologia” são palavras derivadas diretamente do grego clássico. (...)

Mas não é exagero acrescentar que este destino não deriva menos do legado de Jerusalém. Não existe praticamente nó na textura da existência ocidental, da consciência e da consciência de si próprios dos homens e das mulheres ocidentais (e, consequentemente, americanos) que não tenha sido tocado pela herança do hebreu. Isto aplica-se tanto ao positivista, ao teísta e ao agnóstico quanto ao crente. O desafio monoteísta, a definição da nossa humanidade enquanto diálogo com o transcendente, o conceito de um Livro supremo, a noção do direito como algo inextricável em relação aos mandamentos morais, o nosso próprio sentido de História enquanto tempo revestido de propósito, têm origem na singularidade enigmática e na dispersão de Israel. (...)

As relações nunca foram fáceis. A obsessão pela tensão entre judeus e gregos levou à invenção da cristandade por Paulo. (...)

Muito frequentemente, o humanismo europeu, de Erasmo a Hegel, procura diversas formas de compromisso entre ideais áticos e hebraicos. Mas, após uma vida de investigação escrupulosa, Leo Strauss, embebido em partes iguais no Talmude e em Aristóteles, em Sócrates e em Maimônidas, concluiu que não pode ser negociado qualquer entendimento satisfatório entre os imperativos absolutos da razão científico-filosófica tal como estabelecida na nossa herança grega e os imperativos da fé e da revelação proclamados na Torah.

O sincretismo, por habilidoso que fosse, teria sempre falhas. Assim, a “ideia de Europa” é, na verdade, um “conto de duas cidades”.

George Steiner, *A Ideia da Europa*, Ed. Gradiva, 2005 (trad. Maria de Fátima St. Aubyn)

I Love My Time, I Don't Like My Time!

Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos, era a idade da sabedoria, era a idade da insensatez, era a época da crença, era a época da incredulidade, era a estação da Luz, era a estação das Trevas, era a primavera da esperança, era o inverno do desespero, tínhamos tudo à nossa frente, não tínhamos nada à nossa frente, íamos todos diretamente para o Céu, íamos todos diretamente no sentido contrário – em suma, o período era tão parecido com o período atual que algumas das suas autoridades mais barulhentas insistiam em que fosse recebido, para o bem e para o mal, apenas no grau superlativo relativo.

Charles Dickens, *A Tale of Two Cities*, 1859

1. d'après Erwin Wurm



Sebastian Munster, *Europa Regina*, Basileia 1570.



Eurovision (2005)

Texto Pedro Zegre Penim

Interpretação e criação Pedro Zegre Penim, André e. Teodósio

Desenho de luz Daniel Worm d'Assumpção **Produção** Elisabete Fragoso

Versão inicial construída com a colaboração de Rogério Nuno Costa e Martim Pedroso

Coprodução Teatro Praga, ZDB, Transforma AC

Estreia 22 de novembro de 2005, Transforma AC (Torres Vedras)

Palco do Grande Auditório

Duração: 1h

Eurovision estreou em Torres Vedras em 2005 e já viajou por quase todo o país, para além de ter sido apresentado no Reino Unido, França, Eslovénia, Hungria e Eslováquia.

É um espetáculo de visão particular, um objeto tremendo como a Europa e ao mesmo tempo pequeno como um *guilty pleasure*.

As fronteiras estão finalmente abertas, a partir d'O Velho Continente tenta-se a construção de uma narrativa, uma extravagância multilingue, um concurso longo, colorido e viciado.

PZP

A Europa começa com o nascimento das suas línguas vulgares, e com a reação, amiúde alarmada, perante a irrupção dessas línguas começa a cultura crítica da Europa, que (...) começa a refletir sobre o seu próprio destino de civilização multilingue. Sofrendo os efeitos da fragmentação, a Europa tenta dar-lhes remédio: olha para trás, (...) olha para diante, visando construir uma língua da razão que tivesse a perfeição da língua de Adão.

Umberto Eco, *À Procura da Língua Perfeita*, Ed. Presença, 1996 (trad. Miguel Serras Pereira)

Para escrever um livro, precisamos de uma língua. Não tenho língua. A necessidade de abrir uma imagem a uma língua. Saliva que prepara o orgânico para o linguístico. Saliva que dissolve os traços da solidão...

Yael Davids e Snežanka Mihajlova, *No Object*, Ed. Artimo, 2002

Não há existência política sem poder que a assuma como sujeito dela, e um tal poder não existe como suporte de nenhuma Europa. Politicamente só há europas. O lugar do poder nunca está vazio. Ora a Europa, politicamente falando, é esse lugar sem poder dentro, um lugar vazio. Na Europa, o poder só existe como conjunção variada dos poderes autênticos ditos pelas nações (...). Não foram muitas: a Espanha até ao séc. XVI, a França, a Inglaterra, a Áustria, a Rússia, a Prússia e a Alemanha sua continuadora, em seguida. Neste momento nenhuma nação é Europa.

Eduardo Lourenço, "A Nossa Europa ou o Reino Dividido" in *Público*, 13 de março de 2003



Israel (2011)

Texto Pedro Zegre Penim

Criação e interpretação Pedro Zegre Penim, Catarina Campino

Desenho de luz Daniel Worm d'Assumpção

Tradução Kennistranslation **Produção** Cristina Correia, Elisabete Fragoso

Coprodução Teatro Praga, Teatro Maria Matos

Estreia 22 de setembro de 2011, Teatro Maria Matos

Palco do Grande Auditório

Duração: 1h20

O amor é, sempre, uma página escrita em hebraico.

Provérbio Popular Português

Não é preciso muito para que o debate sobre Israel se torne pessoal. Sobretudo por causa da paixão que desperta, e este debate não tem interesse nenhum se não for apaixonado. Por isso decidi escrever uma carta de amor a Israel ou, melhor dizendo, um espetáculo de amor. Uma declaração de amor a um suposto monstro.

Voltaire escreveu que é preciso escolher entre países onde se sua e países onde se pensa. Em Israel (o país e o espetáculo) faz-se as duas coisas ao mesmo tempo. O contexto reclama uma vigília constante, um pensamento não-binário, cabeça & músculo. E se este espetáculo funcionar como é suposto, cada história individual é lida como a história de Israel, e a história de Israel é lida como a história de uma só pessoa.

O ator está sentado em frente ao seu computador, o seu rosto aparece projetado numa tela. É difícil dizer para quem e por quem ele fala: com o público, com ele mesmo, com o objeto de seu amor? Israel, aqui uma nação em forma de ficção, toma um rosto humano, como alguém com quem é preciso viver.

PZP

Ocupar um território

Porque é que escolheste alternar momentos em que o ator está a representar com momentos de reflexão sobre o papel do ator?

Pedro Zegre Penim – Se existe uma dualidade clara na maneira como represento neste espetáculo, ela tem a ver com a dor. Há momentos dolorosos e depois há momentos para aliviar a dor. A peça está dividida em 14 estações, como as estações da cruz, cada uma com um nome que sugere uma altura diferente nesta relação. A hora aproximada que dura é a hora do trauma, como um perpétuo Tisha B'Av, o dia judaico de todas as calamidades. Portanto eu, o *traumaturgo*, ajo e reajo, e reflito e filosofo consoante a dor da ferida. Eu aqui leria a palavra “act” [agir, atuar, representar] de forma muito livre.

Como é que conseguiram estabelecer o vai e vem constante entre o espaço ficcional e o espaço cénico, a realidade?

Catarina Campino – A realidade é aquilo com que nos conseguimos safar. E o teatro é um lugar altamente privilegiado para refletir sobre isso. À primeira vista, *Israel* é muito parecido com uma peça de teatro convencional. Uma repetição no presente de algo que aconteceu no passado, uma história. Mas é sobretudo uma conferência que é proferida para proclamar publicamente o amor por um monstro, é a História a fazer-se. Portanto é totalmente ficcional e também totalmente real.

PZP – Vejo a minha própria imagem no

computador, falo comigo mesmo, e ao fazê-lo evito o contacto direto com o público. Mas ao mesmo tempo estou a ser visto pelos espectadores como se estivesse a dirigir-me diretamente a eles num grande ecrã. E há também um terceiro elemento: uma entidade multidimensional, cujo nome nunca pronuncio, que existe entre mim e o meu público. Esta entidade é o objeto do meu desejo e do meu amor, e o público é o meu voyeur e o meu juiz. Esta entidade é a minha máquina de viajar entre a realidade e a ficção, e o público vagueia comigo, sem nunca pisar em nenhuma.

Que paralelo se pode fazer entre uma história de amor e a história íntima que nos liga a um país?

PZP – Em Israel, o país, há uma espécie de encontro feliz entre questões históricas, civilizacionais, religiosas e políticas que é único no mundo. A realidade utópica da vida quotidiana constrói-se como uma ficção diante dos nossos olhos. Tal e qual como as relações: justificando a nossa sobrevivência dia a dia. Todos os dias se evita o aborrecimento. Todos os dias se é forçado a dar opinião sobre tudo, e a discuti-la exaustivamente. Todos os dias se ama e luta contra a outra metade. Todos os dias se sua. Todos os dias se come um pepino.

O corpo é um elemento fulcral da tua encenação. Vê-lo como um rasto? Dirias que o corpo é moldado e marcado pelo país de onde vem? Numa relação amorosa, o corpo é como um país, um mapa?

PZP – Quando construí este texto havia

uma ideia de universalidade na minha cabeça que estava relacionada com o corpo e com mapas. Quando a forma é uma carta de amor, qualquer um se pode relacionar com ela e segui-la. Portanto tentei preencher o texto com pequenas minas terrestres, sob a forma de palavras de amor, como se fossem direções num mapa antropomórfico.

Israel evoca tanto a tua relação íntima com este país como uma História coletiva. Como é que abordaram as questões da identidade e pertença?

CC – Um país define um lugar, uma língua, pessoas, tradição, História, heróis, inimigos. Nesse sentido, *Israel*, a peça, é o nosso país. O nosso país é a Arte. Dá-nos uma identidade e uma noção de pertença. Define-nos e alimenta-nos. Os países são todos ficcionais e todos os patriotas são personagens numa peça que eles próprios conceberam. Quando transformámos Israel em *Israel*, demos início a um processo de recriação do nosso Eu. Isso vale para todas as obras de arte. Mas neste caso é amplificado. Tal como a História de Israel é apenas uma versão exacerbada de qualquer outra História do nascimento de qualquer outra nação. Tal como o Amor é só uma expressão exacerbada da nossa identidade e da nossa ânsia de pertencer.

PZP – Qualquer tentativa de assumir uma posição rígida relativamente a Israel, ou à ideia desse país, ou até ao conflito, está condenada a ser muito pouco interessante. Sabíamos que não queríamos fazer um espetáculo que concorresse com um documentário

qualquer, ou um canal de viagens, ou um debate político qualquer como aqueles que têm lugar diariamente nos meios de comunicação israelitas e mundiais. Portanto tentámos manter um laço permanente entre a nossa identidade, enquanto artistas portugueses (o que quer que isso queira dizer), e o objeto do nosso afeto. Por outras palavras, soltámos simplesmente os nossos seres em permanente mutação num território que ocupámos por razões artísticas.

Entrevista a Pedro Zegre Penim e Catarina Campino pela MC93 a propósito da apresentação de *Israel* em Paris



Tear Gas (2015)

Texto e conceção Pedro Zegre Penim **A partir de** O Evangelho Segundo São Marcos **e de obras de** Alain Badiou, Benny Andersson & Björn Ulvaeus, Bruno Di Lullo & Domenico Lancellotti, Charles Dickens, Chilly Gonzales, Clarice Falcão, Edward Elgar, Frederico Lourenço, Guido Van Der Werve, Homero, Jay Malinowski, Lars Von Trier, Maître Gims, Marina Gioti, Melina Mercouri, Michalis Patrinos, Peter Sloterdijk, Rufus Wainwright e Timber Timbre **Video** André Godinho **Direção musical e piano** João Paulo Soares **Coreografia** Sónia Baptista **Desenho de luz** Daniel Worm d'Assumpção **Caracterização** Jorge Bragada **Operação video** Joana Frazão **Confeção do guarda-roupa** Rosário Balbi **Produção** Elisabete Fragoso **Atores** Cláudia Jardim (Deus/Deusa), João Duarte Costa (Médico/Rapsodo), Pedro Zegre Penim (Herói/Aedo) **Agradecimentos** André e. Teodósio, Carlos Ouro, Christian Walter, Christophe Lemaire, Francisca do Rêgo, Francisco Frazão, Frederico Lourenço, GAC, José Carlos Santos, Mafalda Carvalho, Marco Costa, Marco Guerra, Mark Lowen, Miguel Lobo Antunes, Nicolas Kerszenbaum, Nikos Kyritsis, Pedro Barreiro, Tiago Bartolomeu Costa, Yuval Rozman

Grande Auditório

Duração: 1h20

*My my! At Waterloo Napoleon did
surrender.
Oh yeah! And I have met my destiny in
quite a similar way.*

Abba

Em *A Ideia da Europa*, George Steiner reclama que é na síntese (e no desencontro) de duas culturas, a de Atenas e a de Jerusalém, que se encontra a singularidade da cultura europeia. “Muito frequentemente, o humanismo europeu, de Erasmo a Hegel, procura diversas formas de compromisso entre ideais áticos e hebraicos.” E conclui dizendo que “A ‘ideia de Europa’ é (...) um ‘conto de duas cidades’.”

Este conto, que pretende cunhar uma história (e uma pré-história) da Europa e que tal como em Dickens relata o “melhor dos tempos” e o “pior dos tempos”, tenta fazer confluir num só tronco (ou num só europeu?) os imperativos absolutos da razão científico-filosófica tal como estabelecida na nossa herança grega e os imperativos da fé e da revelação proclamados na Torah.

Depois de *Eurovision* e *Israel*, e tomando a ideia de Steiner como esquema, esta trilogia completa-se na Grécia, para onde comecei a viajar frequentemente em 2011, no pico dos conflitos provocados pela crise económica e social ainda em curso na Europa.

Nunca lá fui fazer Turismo Negro (uma modalidade que satisfaz viajantes interessados em lugares sombrios e aterrorizantes, como cenários de guerra ou holocaustos), nem sequer vampirismo artístico com vista a um teatro político-social.

Viajei com frequência para Atenas para encontros voluntários com o gás lacrimogéneo.

PZP

Da Cólera

Devemos pois cantar a cólera no momento maduro em que assalta o seu portador – Homero não tem outra coisa em mente quando atribui inteiramente o longo cerco de Tróia e a tomada inesperada da cidade à misteriosa força de combate do protagonista cujo rancor condenava a causa dos Gregos ao fracasso. Aproveita-se do favor do momento em que a *menis* aflui ao seu vetor. Depois, a recordação épica não tem mais do que seguir o curso dos acontecimentos, ditado pelas conjunturas das forças. O ponto decisivo é que o próprio guerreiro, logo que desperta a cólera sublime, sente uma espécie de presença luminosa. Este motivo, só por si, explica que a cólera heroica possa significar mais do que um ataque de fúria profana para o seu instrumento mais dotado. Em termos mais elevados: é pelo arrebatamento que o deus do campo de batalha fala ao combatente. Compreendemos imediatamente por que motivo, nesses instantes, pouco se ouve das vozes secundárias. Pelo menos deste seu começos ingénuos, as forças destes tipo são monotemáticas, já que reivindicam o homem na sua inteireza. Elas exigem a cena indivisa para exprimirem afeto único.

Na cólera pura não há vida interior emaranhada, não há um pano de fundo psíquico, não há segredo privado que permita compreender melhor o herói no

plano humano. Pelo contrário, o princípio que se aplica é que o interior do ator deve tornar-se totalmente manifesto e público, deve ser inteiramente ato e, se possível, canto.

A cólera efervescente não admite contenção nem poupança. É certo que se combate também e sempre “por qualquer coisa”, mas o combate serve sobretudo para revelar em si energias combatentes – a estratégia, o objetivo da guerra, o saque... vêm depois. (...)

Para quem tem cólera, o tempo anémico acabou. Dissipa-se a bruma, os contornos endurecem, passa a haver linhas claras que conduzem ao objeto. O ataque incandescente conhece o seu alvo. O colérico lançado “atravessa o mundo como a bala na batalha”.

Peter Sloterdijk, *Cólera e Tempo*, Relógio de Água, 2010 (trad. Manuel Resende)

Teatro Praga

Who needs Realism when we can have Fakism?

O Teatro Praga assume-se como um grupo ou federação de artistas, com brasão e história. Como a cada espetáculo, ou dia, é outra coisa, costuma responder à pergunta sobre quem é com uma reformulação da pergunta. Ainda assim, o Teatro Praga regozija-se com a ordem estabelecida e olha para as variações imprevisíveis a que se sujeita como um modo de alargar o conceito de previsibilidade.

O Teatro Praga nasceu em 1995 e está sediado na Rua das Gaivotas 6. Colabora regularmente com algumas das mais prestigiadas estruturas culturais em Portugal e tem-se apresentado em festivais e teatros de diversos países europeus (Itália, Reino Unido, Espanha, Alemanha, França, Bélgica, Hungria, Eslovénia, Estónia, Dinamarca e Polónia) e em Israel.

www.teatropraga.com

Pedro Penim

Nasceu em 1975. Completou a sua formação teatral em 1998 na ESTC.

É membro fundador e diretor artístico do Teatro Praga, tendo recebido diversos prémios na área do teatro.

O seu trabalho como encenador e ator estende-se também à escrita, à tradução e à formação (ESTC, Balleateatro, entre outros) e já foi apresentado por todo o território português bem como em Israel, França, Itália, Reino Unido, Alemanha, Eslováquia, Eslovénia e Hungria.

Foi encenador convidado nos *Capitals in Discussion* (dirigidos por Jan Ritsema e Bojana Cvejić), no Centre International de Formation en Arts du Spectacle – Bruxelas (2014), na SP Escola de Teatro em São Paulo e recentemente jurado do reconhecido concurso multidisciplinar *Danse Élargie* (Théâtre de La Ville, Paris).

Com o Teatro Praga destacam-se: *Tear Gas* (TDLV, Paris, 2014), *Tropa-Fandanga* (TNDMII / MC93 Paris, 2014), *Sonho de Uma Noite de Verão* (CCB, 2010), *Padam Padam* (Projeto Prospero, CCB, 2008) e *Discotheater* (Alkantara, 2006).

Fora do Teatro Praga trabalhou com os ingleses Forced Entertainment (*Quizoola!*, 2014/2015), a companhia belga tg STAN (*Point Blank*, 1998) e com os encenadores Tim Etchells, Ricardo Pais, Nuno Carinhas, José Wallenstein e Antonino Solmer, entre outros.

André e. Teodósio

André de Mendonça Escoto Teodósio nasceu em Lisboa, em 1977. Frequentou o Conservatório Nacional de Música, a Escola Superior de Música e a ESTC. É membro do Teatro Praga, tendo também integrado a companhia de teatro Casa Conveniente e colabora assiduamente com a companhia de teatro Cão Solteiro. Para além dos trabalhos desenvolvidos com o Teatro Praga encenou a solo os espetáculos *Três Mulheres*, de Sylvia Plath, *Diário de um Louco*, de Nikolai Gogol, *Super-Gorila* e *Supernova*, cocriados com José Maria Vieira Mendes e André Godinho

e *Shhhhhhhhow*. Recentemente dedicou-se a construir espetáculos sobre os seus amigos integrando-os no ciclo Top Models que inclui *Susana Pomba (um mito urbano)* e *Paula Sá Nogueira (um bestiário)* – este apresentado na Culturgest em 2012. Encenou as óperas *Metanoite* de João Madureira, *Outro Fim* de António Pinho Vargas, *Blue Monday* de Gershwin, *Gianni Schicchi* de Puccini e *Émilie* de Kaija Saariaho com o artista Vasco Araújo. Escreve regularmente para diversas publicações, sendo autor dos textos *Cenofobia* (PANOS 2010) e *Império* editado pela Documenta. Colabora com artistas de diversas áreas como cinema, literatura, artes visuais e dança. É ainda coautor do bailado *Perda Preciosa* na Companhia Nacional de Bailado, que recebeu o prémio da SPA de melhor espetáculo de dança. Tem apresentado os seus trabalhos em muitos teatros portugueses e estrangeiros (França, Alemanha, Espanha, Israel, Hungria, Eslovénia, Reino Unido, Áustria, Itália e Bélgica) com muita regularidade. Foi nomeado, pelo *Jornal Expresso*, como um dos 100 portugueses mais influentes de 2012.

André Godinho

Nasceu em Lisboa, 1979. Estudou na ESTC, fez o Curso de Realização de Documentários, Les Ateliers Varan. Na ESTC realizou 6 *Minutos*, prémio Jovem Cineasta no Festival de Curtas Metragens de Vila do Conde. Realizou os documentários *Antes da Estreia*, *Riders*, *MHM* e *Faz Tudo Parte*. Fez *O Desterrado* e *Namban Japan*,

encomendas da Fundação Calouste Gulbenkian, e *Fonte Santa* para o Pavilhão de Portugal na Expo Zaragoza 2008. Realizou ainda as curtas *La Chambre Jaune*, *Ponto Morto* e *Fim da Fita*. Trabalha em vídeo para teatro com as companhias Teatro Praga e Cão Solteiro.

Catarina Campino

Nasceu em Lisboa em 1972. Estudou pintura e desenho no Ar.Co, onde, em 1997, completou o Curso Avançado de Artes Plásticas. Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro desde 1995, em exposições individuais e coletivas, fazendo desde então uso de um amplo espectro de formatos e suportes (entre os quais se contam o vídeo, a escultura, a instalação, a fotografia e a *performance*), numa prática regular de colaboração com criadores oriundos de áreas tão diversas como o teatro, a música, o cinema ou a dança. Em paralelo com a sua atividade artística, tem comissariado exposições independentes da obra de artistas da sua geração e escrito com regularidade sobre arte contemporânea. Em 2007, na sequência de várias colaborações esporádicas anteriores, foi convidada a integrar oficialmente o coletivo do Teatro Praga, com o qual tem mantido um diálogo artístico constante. Catarina Campino é representada em Portugal pela Galeria Carlos Carvalho (Lisboa) e em Espanha pela Galeria Babelos (Vigo).

Cláudia Jardim

Trabalhou na Companhia de Teatro Sensurround, em encenações de Lúcia Sigalho (*A Birra da Viva*, *Dedicatórias*, *Psicopata Apaixonado*, *Fora De Mim*, *Viagem à Grécia*, *Capriiiiicho*, *O Cerejal* e *Kizomba*) e no Teatro da Cornucópia em encenações de Luis Miguel Cintra (*Filodemo* e *Um Homem É Um Homem*). É membro do Teatro Praga, desenvolvendo aí o seu trabalho como criadora e intérprete. Para além disso, ultimamente, tem estabelecido uma parceria criativa com Patrícia Portela (*Anita Vai A Nada*, *Jogo das Perguntas*). Destaca ainda a tradução de *Quarteto* de Heiner Müller e diversos *workshops* dirigidos no Teatro Viriato, no Fórum Dança e CNB.

Daniel Worm d'Assumpção

Durante os anos 80 colaborou como técnico com o grupo de dança Dança Grupo dirigido por Elisa Worm. Em 1984 iniciou a sua carreira profissional como eletricista de cena na equipa do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, onde fez várias digressões pelo continente e Madeira com o Ballet Gulbenkian. Entre 1988 e 1993 integrou a equipa técnica do Serviço Acarte, desempenhando iguais funções. Em 1996 e 1997 foi responsável pela coordenação técnica do TNSJ, depois de ali ter ocupado o cargo de diretor técnico entre 1993 e 1995. Foi também diretor técnico do festival PoNTI 97. Durante o ano 1998 colaborou com a Expo 98 como diretor técnico-adjunto

no Festival dos Cem Dias e depois no Teatro Camões. Depois de 1998 é iluminador de espetáculos *freelancer* e colabora regularmente com o Teatro da Cornucópia, Teatro Praga e Truta Teatro.

João Duarte Costa

Nasceu em 1989, em Beja. É licenciado pela ESTC. Frequentou a Escola de Música do Conservatório Nacional nos instrumentos violino e piano. Em 2007 realiza um curso intensivo de canto no Conservatório Real de Bruxelas, e ingressa na Escola de Música do Conservatório Nacional, na vertente de Canto. Em 2013 termina os cursos de banda jazz e teatro da Guildhall School of Music and Drama. Em teatro, participou em espetáculos/criações na Malaposta, Teatro Municipal de Almada, Teatro da Trindade, O Bando, Teatro Maria Vitória, A Barraca e Teatro das Beiras, espetáculos didáticos na companhia O Sonho, espetáculos juvenis na Disneyland Summer Shows. Em 2008 começa a trabalhar com a Matinha Estúdios Som, a RTP e a PimPamPum, dobrando séries infantis. Foi docente da disciplina de Voz no curso livre de atores da Universidade Lusíada e nomeado responsável pelo departamento de expressão dramática da Universidade dos Serviços Sociais da Câmara Municipal de Lisboa. Dirigiu dois espetáculos musicais infantis da sua autoria: *A Cigarra* e *a Formiga* na Academia de Santo Amaro e *O Musical do Gomas* em parceria com a Zon Lusomundo. Foi cantor residente no

restaurante/bar *Le Chat* e trabalha pontualmente em estúdio com a Belinda King Creative Productions.

João Paulo Soares

Nasceu no Porto em 1962. Pianista, compositor e diretor musical, desenvolve a sua atividade na área da dança, teatro e televisão.

Foi pianista do Ballet Gulbenkian desde 1986 até à sua extinção em 2006.

É autor e/ou diretor musical de várias peças de teatro das quais destaca *Deseja-se Mulher*, enc. Fernanda Lapa (CAM-Fundação Calouste Gulbenkian), *Noites de Anto* (Casa da Comédia), *Ilha de Oriente* (Gulbenkian), *Passa por Mim no Rossio*, encenações de Filipe La Féria (TNDMII), *Dom Quixote* e *Camões, Príncipe dos Poetas*, encenações de Victor Linhares (TIL-Casa do Artista), *O Elixir do Amor*, enc. Fernando Gomes (Teatro da Malaposta), *Máquina de Somar – The Adding Machine*, enc. Fernanda Lapa (Teatro da Trindade), e *As Aventuras e Desventuras do Soldadinho de Chumbo*, enc. Fernando Gomes (Teatro da Malaposta).

É autor de vários programas de televisão, nomeadamente as séries *Grande Noite*, *Cabaret*, *Noite de Reis* e os especiais *RTP 40 Anos – Saudades do Futuro* e *RTP 50 Anos*.

Sónia Baptista

Sónia Baptista nasceu em Lisboa em 1973. Completou o Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança em 2000. Obteve, com distin-

ção, o grau de Master Researcher in Choreography and Performance da Universidade de Roehampton em Londres, Reino Unido. A sua formação foi complementada em *workshops* de dança, música, teatro e vídeo, linguagens que explora no seu trabalho. Como intérprete e cocriadora colaborou com artistas e companhias como Laurent Goldring, Patrícia Portela, Aldara Bizarro, Vera Mantero, Thomas Lehmann, Arco Renz, Cão Solteiro, AADK. Tem continuado paralelamente a escrever, a criar peças curtas e a desenvolver inúmeros projetos no domínio das artes performativas. Colabora com a CNB nos Programas de Aproximação à Dança. O seu trabalho tem sido apresentado em vários festivais e teatros em Portugal, França, Dinamarca, Alemanha, Suíça, Bélgica, Croácia, Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Reino Unido, Rússia, Tunísia e Brasil. Os seus textos foram publicados no livro *Ideias Perigosas para Portugal* (Tinta da China) e nos números 3 e 4 da *Revista Inútil* (2010 e 2012). É Artista Associada da AADK Portugal.

Próximo espetáculo

Yuri Daniel Quartet

Ritual Dance

Jazz Qui 19 de fevereiro

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h30 · M6



Yuri Daniel é um dos mais reconhecidos contrabaixistas da nova geração do jazz, tendo integrado, entre outras, a banda de Jan Garbarek. O seu mais recente CD, lançado neste concerto, percorre os caminhos da profusão rítmica brasileira e dos vestígios da herança lusitana.

Próximo espetáculo de teatro

Cineastas

de Mariano Pensotti

Teatro Qui 16, sex 17 de abril

Grande Auditório (lotação reduzida)

21h30 · Duração: 1h45 · M12



A Culturgest e o Teatro Maria Matos apresentam um programa duplo que revela ao público lisboeta o premiado autor e encenador argentino Mariano Pensotti. Duas máquinas imparáveis de contar histórias: quatro personagens ao longo de dez anos (*El Pasado Es un Animal Grotesco*, no Maria Matos) e um ano da vida e das ficções de quatro realizadores (*Cineastas*), com Buenos Aires sempre em fundo.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiários:

Mariana Frazão

Pedro Escada

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt